

# **Liberdade, criatividade e motricidade humana: ressonâncias de Manuel Sérgio na busca de sentido de uma educadora**

Helena Gil da Costa

Universidade Católica Portuguesa,  
Rede Internacional de Investigadores em Motricidade Humana

Não é pensando que somos, mas é sendo que pensamos  
(Sérgio 2003, 15).

Não é a primeira vez que me encontro perante a oportunidade (o desafio e o privilégio) de partilhar uma reflexão sobre a integração dos contributos da Motricidade Humana na minha formação e atividade pessoal-profissional e, por consequência, na procura da unidade, da coerência e da responsabilidade de uma práxis<sup>1</sup> criadora.

Lembro, com especial carinho, o ano de 2015, por ocasião do lançamento de um livro de homenagem a Manuel Sérgio – Manuel Sérgio filósofo, professor, político e, há que dizê-lo, Amigo. A atitude atenta e exigente com que, há muito, nos ensinava (nos ensina!) a potencialidade e o compromisso da ação na transformação/transcendência de cada um de nós, com os outros e no mundo, fez juntar num livro, sob coordenação de Eugenia Trigo, 15 textos de 17 membros da Rede Internacional de Investigadores em Motricidade Humana (Trigo 2015). No que, então, escrevi, procurei perceber como aquele compromisso com a ação me implicava conhecer-sentir-viver na convergência do meu ser pessoa-educadora-investigadora-mulher (Gil da Costa 2015).

---

<sup>1</sup> Práxis: «tudo o que, através do contributo indispensável da motricidade, contribui para a manutenção e desenvolvimento da humanidade. Não é só um labor espiritual ou especulativo, mas algo que, objetiva e materialmente, transforma a realidade. A teoria, isolada, não tem eficácia real. Só a tem quando se traduz numa conduta motora. A prática é a teoria materializada e a teoria é a prática formalizada» (Sérgio 1988, 165).

Hoje, nove anos depois, os tópicos que aqui tenho de considerar são (aparentemente) outros e vêm-me de fora. Foi-me proposto que, numa abordagem sergiana, refletisse sobre «liberdade, criatividade e motricidade». E eu, sem juízo, com o atrevimento de sempre (mas com consciência do muito que falta aprender), disse que sim.

Dou-me tempo. Vou reunindo e amontoando na minha mesa de trabalho os livros de, sobre e a partir de Manuel Sérgio que tenho em casa. Procuco colegas-amigos, estudiosos da Motricidade Humana há mais anos do que eu para acrescentar mais documentação. Junto-lhes o que já escrevi sobre este assunto. Vou folheando tudo, relendo, retomando aqui e ali, para ganhar fôlego.

Os dias vão avançando, o texto custa a sair. Como fazer diferente ou melhor do que fiz antes? A minha escrita é sempre lenta e sofrida, mas o pedido de desenvolver uma abordagem sergiana para um Colóquio de «Desporto, Ética e Transcendência» (instituído no CITER com o Apoio do IPDJ!<sup>2</sup>) complicame a vida. Gosto e divirto-me muito com o meu recorde pessoal de *jumping jacks* (76 em 30") e de, apesar da minha idade, ter começado a praticar boxe. São sinal de investimento, esforço e disciplina, são mais do que superação física. Não sou, porém, mulher do desporto, como também não sou teóloga, nem filósofa. Sou educadora. O que hei de trazer para aqui?

É neste impasse que, em dois dos «meus» livros fundamentais (daqueles que foram mesmo importantes para criar caminho), me saltam aos olhos estas palavras de Manuel Sérgio:

Diz-se por aí que há dois tipos de práxis, a criativa e a repetitiva (a repetitiva, para mim, não é práxis). Em ambas está presente a consciência. Só que, nesta, predomina a espontaneidade e, naquela, a capacidade reflexiva e crítica. (Sérgio 1988, 98)

A motricidade humana, ou seja, o corpo em ato, é um espaço de signos de onde emergem a carne, o sangue, o desejo, o prazer, a paixão, a rebeldia, emoções e sentimentos do mais variado tipo. (Sérgio 2003, 49)

[Há que] fomentar a pluri, a inter, a transdisciplinaridade, de modo a evitar-se a fragmentação do saber. (Sérgio 2003, 53)

---

<sup>2</sup> CITER – Centro de Investigação em Teologia e Estudos da Religião. IPDJ – Instituto Português do Desporto e Juventude.

Reparo logo na distância entre as ideias aqui presentes e o que andava a rascunhar. Por isso o texto custava a sair – por tanto querer «encaixar» e fazer «bonito», estava a ser incoerente com o aprendido e com o vivido nos âmbitos em que me movo (Gil da Costa 2012; Gil da Costa 2019; Gil da Costa *et al.* 2024). Fica, por isso, muito claro que aqui também não é lugar para:

1. esquadrihar aquele monte de livros e textos, afogar-me nas suas páginas, tentar mostrar uma erudição que não tenho, nem quero ter – preciso, em vez disso, de me deixar levar pelos que estão cheios de sublinhados, de notas laterais, de riscos e setas, pelos que estão cobertos de sinais dos entusiasmos e das descobertas que fui fazendo em cada uma das suas leituras;
2. empreender uma escrita asséptica, rebuscada e impessoal – para que haja a tal capacidade reflexiva e crítica, porque estamos num espaço que trata de abordar um movimento-ciência que deixa marcas em gente de vários cantos do mundo, entendo que o propósito tem de passar por dar testemunho da própria experiência, revelar alegrias e dores, assumir as implicações e consequências de, um dia, de diversas maneiras, os meus caminhos de vida se terem cruzado com Manuel Sérgio;
3. compartimentar o que não pode ser separado – por força da complexidade humana, preciso de transmitir como diferentes autores e áreas do saber se interpenetram e condicionam, como teoria e vida se interpelam, como reorganizar conhecimento foi avançar para uma nova prática, por modesta ou insignificante que seja (ou que, para alguns, possa parecer).

Em suma, ficou muito claro que não podia trabalhar o tema «liberdade, criatividade e motricidade» sem contexto, sem o «meu» contexto. Assim, aos três pontos de reflexão que me foram propostos, tenho de juntar, de forma integrada e explícita, um quarto ponto – o da educação. Ou seja, a dimensão/ /pilar fundamental do que sou e faço, da minha abordagem e leitura do mundo, do espaço central em que ocorrem as ressonâncias de Manuel Sérgio na minha busca de sentido.

Será isto entendido como um desvio do que me foi pedido e do que se trata neste Colóquio? Acredito que não. Se «a CMH [Ciência da Motricidade Humana] lembra aos técnicos [do desporto], em todas as especialidades, que eles são, necessariamente e por vocação, educadores» (Sérgio 2003, 66), então, nós, os que somos «só» educadores, também temos aqui lugar – por

direito e por obrigação. Mais do que isso, não tenho dúvida de que (mesmo que a força do senso comum ligue esta abordagem à educação física, a restringir ao desporto), os contributos da Motricidade Humana têm acolhimento em muitos outros campos do saber, do fazer, do ser, do viver. Não sou a única, nem a primeira, a dizê-lo, não serei a última<sup>3</sup>.

O que vejo, então, a partir do lugar em que me encontro? *Liberdade, criatividade, motricidade e educação* não são, conceptualmente, a mesma coisa, mas não vivem em separado. De forma mais ou menos explícita, numa interação que entendo sistémica, pululam nos textos que vou relendo – são vias de ação no mundo (não só de reconhecimento), são vias de rebeldia (não de resignação), de possibilidades (não de determinação), de inserção (não apenas de adaptação) (Freire 2000), são condição para a construção do humano.

Vou, por isso, daqui em diante e de forma simples, desenvolver este texto em cinco pontos. Nos primeiros quatro (só separáveis, como já será evidente, para facilidade de escrita), tratarei de enquadrar e interligar, a partir de vivências<sup>4</sup>, cada um dos conceitos mencionados. No último, e em jeito de encerramento, apresentarei a síntese de uma abordagem integradora, que denomino *educação criativo-motricia* – é a bússola que guia a minha ação educadora, a busca de coerência de uma práxis que vise «a crítica e o compromisso» (Sérgio *et al.* 2004, 103) e, por conseguinte, a transformação.

## Educação

Não basta saber fazer e saber dizer, é preciso também saber viver  
(Sérgio 2003, 47).

---

<sup>3</sup> Atualmente, a partir da Rede Internacional de Investigadores em Motricidade Humana, estamos a debater a transição do conceito de Motricidade Humana para o conceito de Motricidade Vital. Queremos acentuar que o corte epistemológico, que deu origem à Ciência da Motricidade Humana, teve início na educação física e no desporto, mas chegou, há muito, a outros campos «do saber... e do ser» (Sérgio 2005).

<sup>4</sup> «Qualquer acção humana consciente integra e move o ser (a sua corporeidade) na e com a realidade expressa em vivência. Vivenciar é um acto de compreensão que se dá simultaneamente em todos os níveis do ser: físico, mental, emocional, energético, cultural, político e espiritual. A motricidade é um terreno fértil para a vivenciação (viver em acção) que actualiza e integra as dimensões do ser humano proporcionando-nos o sentido do mundo» (Sérgio *et al.* 2004, 20).

Quando menina, infeliz durante anos e anos na escola, perseguia-me a pergunta do «para quê?». Para quê estudar frações, teoremas, equações, inequações e quejandos se nada acrescentavam à minha vida? Para quê papaguear os sistemas dos mamíferos, ou as atividades económicas e os recursos naturais de uma qualquer zona do globo, se esquecia tudo no dia seguinte? Para quê saber de cor tantas fórmulas químicas se eu não conseguia entender mais do que a lei de Lavoisier? Para quê...? Para quê...? Era a pergunta que, sistematicamente, me atormentava. E, enquanto quase amaldiçoava alguns matemáticos, físicos e outros seres inteligentes e doutos por terem nascido (para me infernizar a vida, claro), jurava a mim mesma que, logo que pudesse, abandonaria a escola. Não me deixaram, e eu não saí... até hoje. Porquê? Porque, algures no meu percurso, por mão de alguns, encontrei sentido e, ainda que não conhecesse o conceito, entendi por dentro o que significa conhecimento encarnado:

Conhecemos-vivemos através dos *sentidos* (sujeito-meio), compreendemos a partir de e com a nossa *corporeidade* (o nosso ser-no-mundo complexo), interpretamos na nossa *motricidade* (corporeidade em ação rumo à transcendência), projetamos com *criatividade* (o que está além do visível). Em última análise, *encarnar o conhecimento* não é mais do que conhecer a partir de si mesmo (corporeidade), em relação com os outros e com o mundo, o que, na ciência da motricidade humana, denominamos relação triádica eu-outro-cosmos. (Gil da Costa *et al.* 2024)

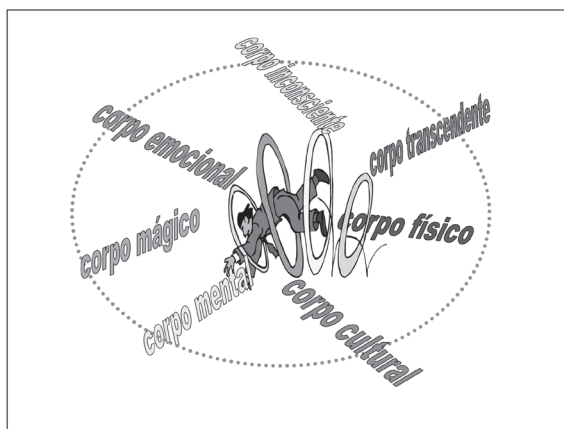


Figura 1 – Dimensões da corporeidade (Trigo 2006).

Há, também por isto, perguntas que gosto de colocar (a mim e aos estudantes) no início de qualquer curso: «porquê e para quê estamos aqui?», «o que queremos saber?». Tão simples que são as perguntas, tão difíceis de responder também. A reação às primeiras costuma ser da maior estranheza. Com mais ou menos variações, as poucas respostas são «para fazer o curso», «porque está no horário» e, se for uma Unidade Curricular opcional e um aluno mais corajoso, «porque me dá os créditos (ECTS) que me fazem falta». Quanto à outra questão, a resposta é sempre a mesma – «como é a avaliação?». Que perspectiva mais utilitarista e economicista, não é? Corresponde, porém, à forma como, tantas vezes, se encara a educação.

Mas aquelas respostas são também os motes de que precisamos para pensarmos sobre a relação entre a vida e o que temos para aprender-fazer-ser-viver juntos (Delors 2010) e para sublinhar que o processo que temos pela frente (que não é passivo e foge aos cânones tradicionais) é muito mais importante do que o produto fugaz de um exame ou de uma classificação (Gil da Costa 2021).

A tarefa da educação é formar seres humanos para o presente, para qualquer presente, seres nos quais qualquer outro ser humano possa confiar e respeitar, seres capazes de pensar tudo e de fazer tudo o que é preciso como um ato responsável a partir da sua consciência social (Maturana *et al.* 2000, 10).

Em resumo, e segundo Edgar Morin, temos a obrigação, como humanidade, de aprender ou reaprender a viver para respeitar a VIDA e, por isso, o propósito fundamental da educação é «ensinar a viver» (Morin 2015).

## Motricidade Humana

O conceito de humanidade, à luz da motricidade humana, não se esvai numa nuvem de abstrações, não se refere apenas ao Ser e ao Logos, mas principalmente ao Acto e à Relação (Sérgio 2003, 36).

O meu primeiro contacto com a Motricidade Humana e, mesmo sem eu o saber, com Manuel Sérgio, aconteceu em 1995. Já passaram quase trinta anos e, apesar disso, recordo como se fosse ontem. É que, nesse remoto contacto, no contexto do primeiro ano em que frequentei o *Master Internacional de Creatividad Aplicada Total* da Universidade de Santiago de Compostela,

a minha primeira reação foi dizer «isso não é para mim». Tratava-se de um trabalho proposto também por Eugenia Trigo sobre «criatividade lúdico-motriz». Mas eu era educadora-socióloga, não tinha nada a ver, julgava eu, com essas coisas da motricidade que, de imediato, também confundi com educação física e desporto (Gil da Costa 2005). Por isso, não fui. Depois ouvi dizer que tinha sido surpreendente, impactante, desafiante.

No ano seguinte, e até porque estava a querer aprender alguma coisa sobre criatividade, atrevi-me a experimentar o que me era estranho. Foi, de facto, um trabalho diferente. Ao longo de uma semana, numa sala grande, nunca sentados em cadeiras, mas no chão, em pé, deitados, movendo-nos num ritmo de jogo livre, de fantasia, de expressão, de reflexão, não tirei nenhum apontamento, não escrevi uma só linha. Mas fui posta a fazer e, essencialmente, diria hoje, fui posta a viver – comigo mesma e com o resto do grupo que, de estranhos, se fizeram próximos. Foi uma provocação que (não sabia eu nessa altura), me ligava e comprometia com o processo de humanização:

Um corpo, por si só, não realiza a humanidade do homem. A intersubjectividade (e a linguagem em que decorre) é que nos permite a humanização. Mas não há intersubjectividade sem subjectividade. Nem subjectividade sem o corpo em acto, ou a motricidade humana, a qual nos encaminha para a transcendência, ou seja, para o mundo, para o outro. (Sérgio 2003, 30)

Isto é, um trabalho que apontava para o que o sistema social-educativo nos/me desabitudara (há muito e tantas vezes), de fazer e de pensar como um todo. Daí para diante, fui-me aproximando mais, lendo e estudando muitas das questões que a Motricidade Humana levanta. Comecei a centrar-me no entendimento do valor da ação, enquanto componente do comportamento humano e eixo do conhecimento, e no valor da cultura, enquanto conhecimento vivido (Sérgio *et al.* 2005). Comecei a entender que a mudança acontece, que se desenha uma espiral de conhecimento, sempre que se foge do círculo da repetição e se muda alguma coisa que é essencial para a definição do nosso caminho, para o desenvolvimento da nossa humanidade e para a evolução da espécie e do universo (Feitosa 2006)<sup>5</sup>. Isso marcou a forma de me encarar

---

<sup>5</sup> O círculo de repetição, em que nada se acrescenta, é formado pela pouca consciência. Um novo círculo da espiral é desenhado quando se toma consciência da percepção, da responsabili-

como docente-educadora, mas também trouxe à luz a necessidade de reformular a minha atividade de investigadora.

Definimos Investigação Encarnada como o estudo dos diversos procedimentos corpóreos que usamos para descobrir os meandros de um problema que me afeta (nós) como ser(es) humano(s) no mundo (sou humano e nada do que é humano me é alheio). A pesquisa não é asséptica, nem imparcial, da mesma maneira como não há ciência-saber encarnado asséptico e apolítico. Qualquer investigação tem carga afetiva, pois é um ser humano complexo (emocional, espiritual, físico, mental, inconsciente, cultural, intuitivo) que escolhe o que investigar e como investigar, o que olhar e como olhar (Trigo 2011, 45).

Só me encontrei pessoalmente com Manuel Sérgio em 2005 no IV Congresso Internacional de Motricidade Humana, em Porto do Son, na Galiza. Tão perto de Santiago de Compostela! Quase como um regresso a casa. Nessa altura já há muito que conhecia o autor, estava a fazer a minha tese de doutoramento, andava a ler e reler os seus livros – umas vezes tão simples, outras tão difíceis de entender, por dentro, o pensamento e as implicações do que pretendia transmitir.

Naquele Congresso foi possível partilhar processos de investigação nas ciências sociais que, sendo transformação de experiências em vivências, são resultado de uma interpretação subjetiva e, por isso, de um processo fenomenológico. Foi uma oportunidade especialíssima para aprofundar e incorporar, de uma forma cada vez mais consciente, a exigência e a urgência de desbravar os caminhos e os desafios epistemológicos e metodológicos que a Motricidade Humana coloca (Gil da Costa 2005).

Saber é encontrar as razões e os métodos que permitem a dimensão divina da realidade – dimensão divina, isto é, capaz, pela transcendência, de rutura e profecia. Rutura, em relação à ideia de que o ser humano é o Rei da Criação, seu conquistador e manipulador, que separou o sujeito do objeto e alguns sujeitos do seu semelhante [...]; rutura, em relação a um crescimento, apenas técnico e científico, onde as «razões do coração» não se conhecem e onde a «religião dos fins» se substitui pela «religião dos meios»; [...] rutura em relação ao domínio exclusivo, ditatorial do quantitativo e do físico (mesmo nas suas formas pedagógicas), que eliminou do desenvolvimento humano

---

de, da decisão ou da execução (Kolytniak 2005; Feitosa 2006).

o não-mensurável, o não-formalizável, o não-biológico e não atribui ao ser humano senão funções sem referência a um projeto de vida; rutura, por isso, em relação a políticas onde a afetação de recursos contemple tão-só a inovação tecnológica, a competitividade empresarial, a competência científica, sem outros valores, como a justiça social (Sérgio 2005, 53-55).

Não muito depois, entusiasmada com o que estava a aprender, partilhei com um académico conceituado as linhas mestras da minha tese. Quis ver, como é evidente, o índice e a bibliografia. Quando se deparou, repetidamente, com o nome de Manuel Sérgio, considerou-o «esse pregador», como se filósofo de segunda se tratasse. Curioso, não é? Hoje, pelo tanto que ainda há para desbravar (e, sobretudo, para aplicar-viver), multiplicam-se as publicações, as investigações, os colóquios, o entendimento de que «a CMH [Ciência da Motricidade Humana] não significa somente mudança de convicções (teoria), mas também mudança de atitudes (prática). Nela, portadora de um novo espírito científico, cada ser humano é um projecto infinito, onde o sentido da transcendência é a transcendência do sentido» (Sérgio 2003, 57). Manuel Sérgio pregador? Que sorte nós temos!

## Criatividade

Porque é transcendência, a conduta motora (a acção) acrescenta alguma coisa ao Mundo, através do inesperado, do novo, do insólito (Sérgio 2003, 49).

Criatividade e Motricidade não são separáveis, mas duas faces da mesma moeda – motricidade humana enquanto qualidade que nos permite perceber-nos, perceber o outro, o mundo, o cosmos e tomar consciência de que essa percepção implica ação/mudança; criatividade enquanto potencialidade que nos permite projetar, transgredir, transcender (Feitosa 2006; Trigo 2006).

Não surpreende, por isso, que consigamos encontrar proximidades entre: (1) a frase de Manuel Sérgio, epígrafe deste ponto de reflexão; (2) a definição tão simples criatividade do *Center for Creative Leadership*, «associações novas e com valor» (Isaksen *et al.* 1994); e (3) a, também insólita, fórmula para a criatividade de Sidney Parnes, Ruth Noller e Biondi (Figura 2) – «função do conhecimento, da imaginação e da avaliação, refletindo uma atitude interpessoal

em relação ao uso benéfico e positivo da criatividade» (Parnes *et al.* 1977). Tão evidente a transcendência, tão evidente a ética, tão evidente a vida e a paz (Sérgio 2020).

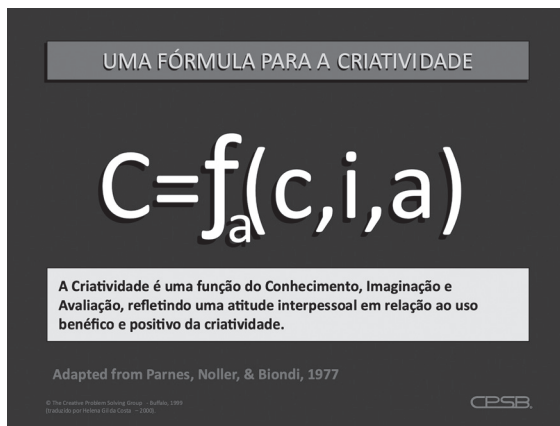


Figura 2 – Uma fórmula para a Criatividade | Used by permission from The Creative Problem Solving Group (CPSB)

Como se trata, porém, de um constructo / conceito complexo, a criatividade não se define só assim, nem com facilidade – a abordagem sistémica das suas dimensões, dos denominados 4P (Pessoa, Processo, Produto, *Press*), permite que seja compreendida de forma mais ampla e evidencia a necessidade de atender a todo o sistema para que opere melhor (Rhodes 1961; Isaksen *et al.* 1994; Isaksen 2023).

Não é aqui lugar para aprofundar cada uma destas dimensões. Não posso, porém, deixar de revelar, de forma breve, quatro problemas que, a partir daqui, e na turbulência atual, me preocupam.

1. Apesar de ser a minha área de estudo, tenho uma relação de amor-ódio com o tema da criatividade. Ao longo das últimas décadas ficou na moda. Até cansa. Estamos perante um quadro com duas faces. Por um lado, lemos e ouvimos falar de criatividade em todos os lugares, a propósito de qualquer coisa, sem critério, sem rigor; lemos e ouvimos apelidar de criativo (e, o que é pior, de inovador), o que quer que seja, por qualquer coisa que seja. Por outro, percebemos que tudo isto nos está a indicar que é urgente cuidar o que está maltratado, a perder o sentido – enquanto palavras e conceitos desgastados,

devolvendo-lhes o seu significado real e complexo; enquanto atitude e enquanto práxis, parindo (com alegrias e dores) o caminho de resposta a muitas situações que, em tantos campos, nos toca viver (Gil da Costa 2024).

2. Vivemos num mundo cada vez mais volátil, incerto, complexo e ambíguo. Estamos envolvidos numa cultura em que a quantidade prevalece sobre a qualidade, o que não se transforma em números não é válido, não existe. Repetimos até à exaustão (para nos desculparmos a nós mesmos, ao que não conseguimos alterar) que «mais vale feito do que perfeito». Jogamos no campo da competição. Perdemos o horizonte. Nunca, como agora, foi tão importante encontrar outras soluções e outras respostas, estimular o desenvolvimento do pensamento crítico-criativo, de competências de resolução de problemas, de atitudes que nos permitam ser criadores e não repetidores de histórias (Isaksen 2023; Gil da Costa 2024).

3. Temos evidências suficientes de que, ainda que a criatividade seja entendida como algo que vale a pena, na verdade também nos leva por caminhos desconhecidos, emaranhados, não fáceis. Como nos diz Manuel Sérgio, «o ser prático revela, na sua conduta, tomadas de posição, que são também tomadas de oposição» (Sérgio 1988, 57). Ser-fazer diferente, por muito que se diga o contrário, não arranca aplausos todos os dias, nem facilmente. A criatividade vive do silêncio, do tempo, da distância, do erro, da tentativa, da teimosia, do que sai das entranhas e não da espuma da vida, do dizer não, ou sim, quando a multidão diz o contrário e... aguentar com as consequências.

4. A criação não se compadece, por isso, com a falta de tempo. Se não abrandarmos o ritmo, se não permitirmos que proximidades e distâncias aconteçam, se não nos dermos tempo para incubação, entramos em ciclos de repetição e de incoerência entre os discursos que fazemos e as práticas que vivemos (Stengers 2019; Honoré 2005; Gil da Costa 2024). Precisamos de calma para consolidar projetos, para descortinar alternativas para um mundo mais decente.

## Liberdade

Se o ser humano concentra em si o corpo, o espírito, o desejo, a natureza e a sociedade, ele só se torna verdadeiramente humano se é bem mais do que a soma das partes, ou seja, se nele o determinismo se transforma numa gestação inapagável de desenvolvimento e liberdade. Aliás, a lógica da motricidade humana é a opção

da transcendência, a passagem, numa ascese da vontade humana do determinismo à liberdade. E assim a consciência da incompletude não é sinal de deficiência, mas condição indispensável de desenvolvimento humano

(Sérgio 2003, 35).

E a liberdade? Tema difícil!

Vivi, em plena adolescência, a chamada Revolução dos Cravos portuguesa e, ao longo dos 50 anos que agora celebramos, vi-a ser procurada, entronada, desejada, mas também e, cada vez mais (é minha convicção), maltratada, perseguida, renegada, esquecida.

Estamos, porém, a falar de que liberdade? Recuso, porque demasiado estreita, a definição do dicionário – «direito de um indivíduo proceder conforme lhe pareça, desde que esse direito não vá contra o direito de outrem e esteja dentro dos limites da lei» (<https://dicionario.priberam.org/liberdade>). Se dúvidas tivesse de que a liberdade de cada um não termina, mas começa e se expande, com a liberdade dos outros, leria, de novo, Manuel Sérgio:

As democracias ainda não erradicaram do seu seio as desigualdades de oportunidades. Ao invés: parecem não se sentir demasiado perturbadas com todo o tipo de injustiças deste jaez. O corpo não cessa de nos segredar: é preciso ir da matéria ao espírito! Humberto Maturana deverá ouvir-se neste momento: «a origem antropológica do homo sapiens não se deu através da competição, mas sim através da cooperação», ou seja, amando o próximo como a nós mesmos. (Sérgio 2003, 27-28)

Mas também leio Viktor Frankl:

A liberdade espiritual do ser humano, a qual não se lhe pode tirar, permite-lhe, até ao último suspiro, configurar a sua vida de modo que tenha sentido. [...] Tudo pode ser tirado de um homem exceto uma coisa: a última das suas liberdades – escolher a sua atitude num determinado arranjo circunstancial, a escolha de seu próprio caminho. (Frankl 1991, 45)

E, neste ponto, neste colóquio instituído pelo CITER, Centro de Investigação da Faculdade de Teologia, não consigo deixar de pensar no Professor José Carlos Carvalho, no nosso Zé Carlos. Estamos na sua casa. No dia em

que apresento esta reflexão, faz exatamente um mês que «partiu para a Casa do Pai. [...] Fica a luz e a coragem do seu testemunho»<sup>6</sup>, testemunho de quem, até ao seu último dia, projetou, cuidou e preparou um futuro que, sabia bem, não iria ver. No dia da sua partida chegou-nos também este texto:

A morte do Prof. José Carlos Carvalho [...] era sentida como próxima, mas ninguém ousava acreditar nela. A sua força de viver, a naturalidade com que superava as crescentes dores e fragilidades da saúde, que se esgotava a cada dia que passava, davam a sensação de que algo poderia acontecer para que ele continuasse a viver e a trabalhar. E agora chega-nos a notícia do seu mergulho na vida invisível.

Diversas gerações [...] da Faculdade de Teologia beneficiaram do seu labor incansável. Tantos e tantas beneficiaram do seu gabinete sempre aberto [...]. Ele aliava como ninguém a simplicidade e a exigência na comunicação do saber, a disponibilidade e a azáfama, a proximidade e o distanciamento, quando se tratava de receber gestos de gratidão.

[...] Vimos nele um estudioso sempre insatisfeito [...]. A Faculdade de Teologia nas suas diversas escolas do Porto, de Lisboa e de Braga ficam devedoras de uma dedicação sem medida.<sup>7</sup>

Não sou capaz de dizer mais, nem melhor, sobre o tema «liberdade».

Estou em vias de terminar. Disse, já bem atrás, que a *educação criativo-motricia* é a minha bússola para fazer caminho para a «liberdade-criatividade-motricidade» em qualquer campo do saber em que me mova. Não se trata de um modelo fechado, nem existe um modo único de lhe dar corpo, mas incorpora um conjunto de condições e propósitos que interligam reptos e estímulos. Na sua natureza dinâmica, com o foco nas pessoas, não nos conteúdos ou só nas tarefas, no aprender com a vida em todas as suas formas, na busca intencional de sentido e de transcendência, a educação criativo-motricia sintetiza-se e materializa-se em quatro compromissos individuais e relacionais: (1) trabalhar com as pessoas, na sua corporeidade, com tudo o que são as suas

---

<sup>6</sup> Do email que nos foi enviado pela Direção da Faculdade de Teologia, 21.05.2024.

<sup>7</sup> Jorge Teixeira da Cunha, «José Carlos Carvalho: um servidor da Palavra de Deus», [www.vozportucalense.pt](http://www.vozportucalense.pt), 20.05.2024.

capacidades, competências e motivações; (2) desembocar numa maior consciência de si, do outro, do mundo; (3) colocar no contexto, no histórico; (4) criar espaços de reflexão, de reconhecimento de si mesmo, ou seja, de ação.

Isto faz sentido num Colóquio sobre «Desporto, Ética e Transcendência» que, no dia de hoje, tem como tema «Desporto, Liberdade e Democracia»? Pode também ser transferido para outras áreas do fazer e do viver? É caminho que todos nós, venhamos de onde venhamos, com as nossas próprias especificidades, possamos percorrer juntos? Como disse atrás, acredito que sim. Por isso estou aqui.

## Referências

- Delors, Jacques. 2010. *La Educación encierra un tesoro*. Madrid: Santillana.
- Dicionário Priberam. <https://dicionario.priberam.org/liberdade>
- Feitosa, Anna. 2006. «La Problemática de la Mudanza – epistemología de la motricidad humana». *Mudanzas, horizontes desde la Motricidad*. Colombia: En-acción / Unicauca.
- Frankl, Viktor. 1991. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Freire, Paulo. 2000. *Pedagogia da Autonomia – saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Gil da Costa, Helena. 2005. «O Medo no Desenvolvimento Humano: do medo da subjetividade à subjetividade do medo». *Libro de Actas do IV Congreso Internacional de Motricidad Humana – Motricidad y Desarrollo Humano*. Editorial Disputación Provincial de A Coruña.
- Gil da Costa, Helena. 2012. *Medo, Criatividade e Desenvolvimento Humano – um processo de investigação*. Colombia: Instituto Internacional del Saber.
- Gil da Costa, Helena. 2015. «Manuel Sérgio en mi camino». *Pensar y Transformar: un legado de Manuel Sérgio*. Colombia: Instituto Internacional del Saber.
- Gil da Costa, Helena. 2019. «Pelos labirintos de um eixo: reflexões sobre um ciclo de vida». *Revista Internacional D’Humanitas* 46/47: 37-50. Barcelona: Universidade de Barcelona.
- Gil da Costa, Helena. 2021. «Entre o chão percorrido e o que fica por encontrar». *E era outra coisa – criatividade e praxis no mestrado em gestão de indústrias criativas*. Porto: Universidade Católica Editora.
- Gil da Costa, Helena. 2024. «Diversidade Geracional – uns com os outros». *Ética e Diversidade Geracional – (Des)Encontros?*. Lisboa: UCP Editora.
- Gil da Costa, Helena, Eugénia Trigo Aza. 2024. *Educação, criatividade e cultura portuguesa: uma experiência com estudantes internacionais*. Lisboa: UCP Editora. No prelo.
- Honoré, Carl. 2005. *Elogio de la lentitud*. Granada: Océano.

## Liberdade, criatividade e motricidade humana

- Isaksen, Scott. 2023. «Developing Creative Potential: The Power of Process, People, and Place». *Journal of Advanced Academics* 34, n.º 2: 111-144.
- Isaksen, Scott, Brian Dorval, Donald Treffinger. 1994. *Creative Approaches to Problem Solving*. Dubuque: Kendall/Hunt Publishing Company.
- Kolyniak, Carol. 2005. «Propuesta de un Glosario Inicial para la Ciencia de la Motricidad Humana». *Consentido En-Acción* 1: 29-37.
- Maturana, Humberto, Sima Nisis Rezepka. 2000. *Formação Humana e Capacitação*. São Paulo: Editora Vozes.
- Morin, Edgar. 2015. *Enseñar a vivir*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Parnes, Sidney, Ruth Noller, Biondi. 1977. *Guide to creative action*. New York: Charles Scribner's Sons.
- Rhodes, Mel. 1961. An Analysis of Creativity. *Phi Delta Kappan* 42: 305-310.
- Sérgio, Manuel. 1988. *Para uma Epistemologia da Motricidade Humana*. Lisboa: Edições Faculdade Motricidade Humana.
- Sérgio, Manuel. 2003. *Alguns Olhares sobre o Corpo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sérgio, Manuel. 2005. *Para um novo paradigma do saber e... do ser*. Coimbra: Ariadne.
- Sérgio, Manuel. 2020. *Uma Reformulação da Ética – e outros escritos*. Porto: Edições Afrontamento.
- Sérgio, Manuel, Sergio Toro. 2005. «La Motricidad Humana – un corte epistemológico de la educación física.» *En-Acción Consentido* 1: 101-109.
- Stengers, Isabelle. 2019. *Otra Ciencia es posible. Manifiesto por una desaceleración de las ciencias*. Barcelona: Ned.
- Trigo Aza, Eugenia. 2006. *Inteligencia Creadora, Ludismo y Motricidad*. En-acción / Unicauca.
- Trigo Aza, Eugenia. 2011. *Ciencia y Investigación Encarnada*. Colombia: Instituto Internacional del Saber.
- Trigo, Eugenia (Coord.). 2015. *Pensar y Transformar: un legado de Manuel Sérgio*. Colombia: Instituto Internacional del Saber.